

# JANE VANINI: A CONSTRUÇÃO DE UMA HEROÍNA

## JANE VANINI: CONSTRUCTION OF A HEROINE

### **Erisvania Gomes da Silva**

Mestranda em Linguística pela UNEMAT  
Av. Tancredo Neves, 1095 - Cavalhada II 78200-000 - Cáceres - Mato Grosso  
E-mail: [erisvaniagomes\\_4m@hotmail.com](mailto:erisvaniagomes_4m@hotmail.com)

### **Kátia Gomes da Silva Amaro**

Mestre em História pela UFMT  
Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900  
E-mail: [katiagomesdasilva@hotmail.com](mailto:katiagomesdasilva@hotmail.com)

### **Maria Henriqueta dos Santos Gomes**

Mestre em História pela UFMT  
Av. Fernando Corrêa da Costa, nº 2367 - Boa Esperança. Cuiabá - MT - 78060-900  
E-mail: [mariahenriqueta@hotmail.com](mailto:mariahenriqueta@hotmail.com)

## RESUMO

O presente texto pretende ser um exercício metodológico com fontes que apresentam Jane Vanini como heroína. Para isso, utilizaremos textos jornalísticos que marcam essa memória acerca dessa revolucionária brasileira. Os textos em questão encontram-se em versão eletrônica intitulada *Archivo de Chile, Centros de Estudios Miguel Enriquez (CEME)* que apresenta documentos que foram organizados em vários artigos que tratam sobre a sua vida, trajetória, morte, reconhecimento de seus restos mortais.

**Palavras-Chave:** Jane Vanini, Memória, Heroína.

## ABSTRACT

This text is intended as a methodological exercise with sources with Jane Vanini like heroin, to achieve this objective, journalistic texts that mark this memory about this revolutionary Brazilian. The texts in question are in electronic version titled *Archivo de Chile, Centers Estudios Miguel Enriquez (CEME)* presenting documents that were organized in several articles that deal about his life, career, death, recognition of his remains.

**Keywords:** Jane Vanini, Memory, Heroin.

### Considerações Iniciais

Informamos que esse texto será organizado em três blocos, quais sejam: a) contextualização histórica do período em estudo; b) trajetória da personagem escolhida para estudo e c) apresentação e análise das fontes utilizadas, bem como uma breve discussão teórica sobre a mesma.

Em 1961 Jânio Quadros renuncia ao governo e seu vice João Goulart assume a presidência (1961-1964), seu governo é caracterizado por uma abertura às organizações sociais (de estudantes, organizações de trabalhadores, populares), gerando um grande descontentamento e temor por parte das classes dominantes e conservadoras (empresários, políticos, banqueiros) que temiam a ascensão ao poder dos comunistas devido ao contexto da guerra fria onde o mundo estava bi-polarizado em capitalismo e comunismo. Dessa maneira o governo de Jânio populista e de esquerda para seus opositores vislumbrava a possibilidade do avanço do comunismo.

Os partidos opositores União Democrática Nacional (UDN), Partido Social Democrático (PSD) acusavam o atual presidente de planejar um golpe de esquerda. E em 1964 os militares se aproveitam desse clima político adverso, tomam o poder e assumem uma postura autoritária de governo até 1985.

Esse período é marcado por perseguições políticas, repressões, censuras, torturas contra opositores políticos do regime, além da supressão total dos direitos e garantias individuais. Com empréstimos estrangeiros para sustentar-se o regime implementa um projeto econômico bastante audacioso, permitindo que os indicadores econômicos alcançassem números expressivos.

Logo após é instituído o Ato Institucional número 1 (AI 1) que cassava os direitos políticos, os mandatos de opositores, assegurava ao governo o poder para alterar a constituição, determinava eleições indiretas para a presidência, etc. Além da inexistência da liberdade de expressão, organizações políticas, sindicais ou estudantis, foram extintas ou sofreram perseguições por parte do governo.

Neste contexto histórico Jane Vanini<sup>1</sup> saiu de Cáceres para tentar “nova vida” em São Paulo entre 1964 e 1965, período esse que a influenciou e a reorientou no que diz respeito

---

<sup>1</sup> Nasceu em 8 de setembro de 1945 em Cáceres/MT, Estudante de Ciências Sociais, tendo pertencido a ALN e, mais tarde ao MOLIPO. Por suas atividades políticas foi condenada a 5 anos de prisão, exilando-se, então, no Chile. Lá ligou-se ao Movimiento de Izquierda Revolucionário (MIR) e casou-se com o jornalista Pepe Carrasco. Foi morta em 6 de Dezembro de 1974 em Concepción (Chile).

a suas posições e percepções políticas do mundo. Já em 1968, casada com Sérgio Capozzi, ambos se tornaram simpatizantes das ações políticas da Aliança Libertadora Nacional (Organização de Resistência ao Regime Militar no Brasil), começam a prestar serviços para essa organização. Em razão da repressão instituída pelo regime militar, através dos órgãos do governo como a OBAN (Operações Bandeirantes) entre outras, tornam-se clandestinos (ARAUJO, 2002), momento em que passaram por vários países como o Uruguai, Argentina, Itália, Tchecoslováquia, Cuba e Chile.

No Chile Jane Vanini ingressa no Movimiento de La Izquierda Revolucionária (MIR) envolvendo-se em ações políticas na luta pela transição de uma sociedade capitalista para uma socialista apoiando o governo de Salvador Allende.

Jane Vanini se torna clandestina pela segunda vez com o golpe de estado ocorrido no Chile em 1973 que, liderado pelo general Augusto Pinochet, derrubou Allende. Ali foi perseguida e morta pelas forças governamentais, no dia 06 de dezembro de 1974.

### **Jane Vanini: Um enlace entre memória e história**

Antes de discorrermos sobre a temática da constituição do herói, buscando compreender as leituras atuais acerca da trajetória de Jane Vanini ou Gabriela como ela é mais conhecida no Chile, é necessário uma breve reflexão acerca da temática da memória, bem como da política de silêncio e silenciamento que, desde a época do regime militar brasileiro e em seus estudos, afirma que a história de Jane Vanini só veio a público quando a revista de circulação nacional *Isto É*, em 1992, publicou uma matéria sobre o direito ao reconhecimento oficial de perdas humanas e o direito à indenizações aos familiares dos mortos e desaparecidos no Chile.

Na matéria referida foi citado o nome de Jane Vanini. (apud ARAÚJO)<sup>2</sup>. Depois, na Revista *Veja*, de 19 de janeiro de 1994, encontramos referência ao desaparecimento e processo de identificação de Jane Vanini.

Em depoimento prestado à professora Maria do Socorro de Souza Araujo, a família afirmou que se manteve em silêncio até a publicação do nome de Jane pelas revistas citadas,

---

<sup>2</sup> ARAUJO, Maria do Socorro de Souza. 2002. Paixões Políticas em Tempos Revolucionários: nos caminhos da militância, o percurso de Jane Vanini. (1964-1974). Dissertação de mestrado em História. Cuiabá, UFMT.

quando então resolveram procurar seus direitos. Assim, a história de Jane Vanini começou a “ganhar forma” e contornos, vindo à tona um importante acervo privado representado pelas cartas, fotografias e demais documentos que tratavam da trajetória de Jane Vanini.

Diante do que foi apresentado, podemos afirmar que as cartas são “lugares de memória”, portadoras de uma história produzida por Jane Vanini. Nosso objetivo é analisar as cartas de Jane Vanini para perceber como a mesma descreve o mundo e se descreve, a imagem que cria a si mesma e também pensar quais foram as imagens criadas pelos jornais, pela mídia em relação a ela, pois podemos afirmar que na maioria das vezes a memória sobre Jane Vanini é apropriada pela mídia com uma visão idealizada e positiva, fiel à ideia de uma heroína brasileira, cacerense, símbolo da nacionalidade que passou a ser difundida quando a sua história veio à tona.

Nesse sentido, priorizamos a reflexão acerca do papel desempenhado pela imprensa e pela academia na constituição de uma dada memória, concebendo as mesmas como instituições capazes de cristalizar identidades e memórias num cenário de disputas pela mesma. Como afirma Jacques Le Goff<sup>3</sup>: “... a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objetivo de poder” (2003, p.470), se configurando como uma forma de poder sutil e de controle social.

Assim, desde que sua história ganhou visibilidade através da imprensa nacional, houve uma ressemantização/ressignificação sobre a participação de homens e mulheres na luta armada. Jane foi homenageada com ruas que levaram seu nome em São Paulo e Rio de Janeiro, e o Campus Universitário da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) localizada em Cáceres, sua cidade natal, recebeu seu nome em 06/10/2001, sendo essa uma homenagem feita por Dante de Oliveira, na época Governador do Estado.

Percebemos que sua memória foi disputada nos diferentes períodos históricos. No período repressivo Jane era rotulada de subversiva, perigosa, terrorista. Depois de alguns anos, hoje é vista como uma heroína, isso demonstra que a “afirmação” de uma memória passa por constantes disputas entre o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido, de acordo com os interesses daqueles que almejam legitimar ou não sua conduta.

Salientamos ainda, que a família de Jane durante o período da repressão esforçava-se para “apagar” a memória que a mesma escolhera para si, qual seja, a de revolucionária, temendo represálias a ela e a si mesma, por parte do Estado que atribuía à Jane a identidade de

---

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

subversiva e inimiga do País. Na atualidade esforça-se para explicitar a identidade auto atribuída à Jane, num processo de construção do mito do herói, reiterando o já mencionado por Denise Rollemberg<sup>4</sup> (1999) que os vitoriosos daquele momento não foram capazes de garantir a permanência da identidade negativa que atribuíram a ela e a seus pares.

Feitas essas considerações acerca das disputas pela memória passamos a debater sobre o que é necessário para se tornar um herói. Seria a condição de estar morto? Ou fazer um ato incomum? Ou simplesmente o herói é constituído para assegurar jogos de interesses? Será que Jane viva teria o mesmo reconhecimento e sua trajetória a mesma repercussão?

Vivi Fernandes de Lima (2010, p.18) em seu texto intitulado “Quase eternos”, faz a seguinte pergunta: o que faz um personagem histórico ser reconhecido como herói? A autora cita o poeta espanhol Reinaldo Ferreira (1922-1959) a fim de refletir sobre essa questão: “Tome-se um homem/feito de nada, como nós/ (...) Depois, perto do fim/agite-se um pendão/e toque-se um clarim”. E uma dica de Vivi Fernandes “para arrematar a receita. Serve-se morto”.

Para a autora, a constituição de um herói antes de tudo é uma construção política e histórica, ou seja, em determinados momentos um personagem, a sua memória, pode ser enaltecida ou difamada, endeusada ou demonizada. De acordo com os contextos onde essa memória ou personagem ganha destaque pode ser durante sua vida ou após sua morte.

Devemos levar em consideração também que o “herói” cria uma imagem para si, que ele também delineia consciente ou inconscientemente, como é o caso de Jane através de suas missivas.

Em períodos históricos diferentes, a partir de documentos, objetos, fotos, etc., pessoas, grupos, com interesses comuns ou não, elegem um herói para representar, criar uma imagem que representam seus interesses políticos, sociais, ou para legitimar discursos normatizadores e controladores.

É importante ressaltar que nosso objetivo não é tratar Jane Vanini como heroína, ou destruir a imagem que construíram dela, mas sim entender como essa foi projetada como heroína, para melhor entender o contexto social no qual estamos inseridos e mais precisamente como a mesma é percebida na atualidade.

---

<sup>4</sup> ROLLEMBREG, Denise. Esquecimento das memórias. In: MARTINS FILHO, João Roberto (org.). O golpe de 1964 e o regime militar: novas perspectivas. São Carlos: EdUFSCar, 2006.

Ao assumir essa perspectiva, dialogamos com o trabalho de Carlo Ginzburg<sup>5</sup> sobre o paradigma indiciário, bem como com a obra de Tânia Regina de Lucca<sup>6</sup> que apresenta de maneira didática o uso de fontes impressas e de Teresa Malatian<sup>7</sup> no que diz respeito ao uso de cartas como fontes ou objetos de estudos historiográficos, além de Michel Foucault<sup>8</sup>, Eni Orlandi<sup>9</sup> e Patrick Charaudeau<sup>10</sup> para pensar a análise de discurso.

Tânia Regina de Lucca afirma, em seu texto, que durante a década de 1970 existiam poucos trabalhos que se utilizavam dos jornais como fontes históricas. Isso se devia ao fato da tradição histórica dos séculos XIX e início do XX buscarem a verossimilidade e objetividade dos fatos. Os documentos queriam demonstrar a “realidade”, traziam consigo a verdade e o caráter inquestionável dos mesmos, daí o fetiche pelo documento público. Mas esse cenário começa a mudar a partir dos anos finais do século XX, a partir da terceira geração da escola dos Annales (LUCCA, 2005)<sup>11</sup>.

Novos objetos aparecem no campo epistemológico da história, novas abordagens, novos problemas; houve um alargamento no campo de preocupação dos historiadores. Foram feitos importantes estudos sobre os filmes, as mulheres, as mentalidades e temáticas que envolviam o cotidiano. A macro-história estruturalista perdeu espaço e ganhou destaque a análise e o reconhecimento da importância dos elementos culturais. Essas mudanças alteraram a concepção de documento e também como se faz a crítica a eles.

---

<sup>5</sup> GINZBURG, Carlo. “Sinais: Raízes de um paradigma indiciário”. In: Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

<sup>6</sup> LUCCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

<sup>7</sup> MALATIAN, Teresa. Narrador, Registro e Arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCCA, Tânia Regina de. (orgs). O Historiador e Suas Fontes. São Paulo; Contexto, 2009.

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Um leque que respira: a questão do objeto em história, In: Retratos de Foucault/Vera Portocarrero, Guilherme Castelo Branco (org). Rio de Janeiro. Nau, 2000.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. Lisboa: Veja, Passagens, 1992.

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni P. Discurso e Leitura. Campinas: Cortez/Editora da Unicamp, 1988.

\_\_\_\_\_. Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

<sup>10</sup> CHARAUDEAU, Patrick. Eléments de sémiolinguistique d’une théorie du langage à une analyse du discours. connexions, nº 38, 1982.

\_\_\_\_\_. Para uma nova análise do discurso. In: Carneiro, Agostinho Dias (org.). O discurso da mídia. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

<sup>11</sup> LUCCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

Assim os jornais devem ser questionados e analisados como um documento que traz consigo um caráter ideológico, produtor de memórias, representações e verdades. Como ressalta Jorge Luiz Romanello (1998)<sup>12</sup>: “Extrapolando, porém, o fator instrumental, o discurso jornalístico atua como um dos agentes de formulação do imaginário social, sendo integrante da história de uma sociedade e sendo ele mesmo um elemento histórico” (idem 90-196).

### **Nas teias da história: A análise**

Pensando e analisando o documento jornalístico percebemos que a palavra possui várias faces, e a palavra relacionada com a verdade é apropriada, articulada e colocada como óbvia produzindo então discursos.

Dessa maneira, a história e os discursos são produzidos a partir de jogos de interesses, representações e ações que emergem, cruzam-se entre si, e produzem efeitos, destacando as multiplicidades e as subjetividades da historiografia “do fazer história”. Torna-se assim, de extrema importância às denominadas “condições de produção do discurso” apontadas pela análise do discurso o “lugar social de quem fala” como bem refere Michel de Certeau (2000)<sup>13</sup>, assim como as condições de recepção do discurso.

Tais pressupostos nos ajudaram a pensar e dar “outras visibilidades” a Jane Vanini, e auxilia a criar uma “imagem caleidoscópica” na qual essa figura pode se deslocar, assumindo vários papéis: heroína, militante, tresloucada, subversiva, familiar dedicada ou desajustada, de acordo com o momento histórico e o contexto social analisado.

Dessa maneira, a história e os discursos são produzidos a partir de jogos de interesses, representações e ações que emergem, cruzam-se entre si, e produzem efeitos, destacando as multiplicidades e as subjetividades da historiografia “do fazer história”.

Analisaremos, na sequência uma reportagem de jornal “O Correio Cacerense” *online* datado de 16/05/2005 com o título “Poucas e Boas: Tributo à Jane Vanini”, de autoria de

---

<sup>12</sup> ROMANELLO, Jorge Luís. Imprensa e Memória. In: \_\_\_\_\_. *Imagens e visões do Paraíso no Oeste Paulista: Um Estudo do Imaginário Regional*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis. 1998, p. 90-126.

<sup>13</sup> CERTEAU, Michel. *Operação Historiográfica*. In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Batista Rup que aparece qualificado como um “ex-integrante da única revolução legalista da história republicana na Campanha da Legalidade em 1961 como militar graduado do III Exército”.

A referida reportagem, cuja cópia segue em anexo<sup>14</sup>, inicia descrevendo Jane Vanini como uma “verdadeira heroína cacerense”. Batista Rup faz críticas em relação ao regime e suas práticas repressivas contra as pessoas que discordavam do governo. Salienta a época de terror que o governo trouxe para aquele período, perseguindo “milhares de pessoas de bem e idealistas comprometidos com a democracia”, afirmando que os grandes prejudicados foram os políticos, os intelectuais, os jovens, todos esses que divulgaram e validaram as ideias socialistas. Aqui é possível identificar o lugar da fala de Rup apontando a presença da vanguarda muito comum na esquerda da época.

É interessante perceber que, para Batista Rup, o povo nesse cenário político aparece como ingênuo e desconhecedor da realidade política, e, por esse desconhecimento, foram legitimadores do governo ditatorial. Penso que não foi a totalidade da população que apoiou as ações decorrentes de 1964.

A razão, segundo Batista Rup, para que alguns brasileiros se lançassem contra esse governo repressor estaria relacionado às influências da Revolução Cubana, sendo que o articulista destaca positivamente as figuras de Fidel Castro e Che Guevara. Mas Rup faz questão de salientar que para muitos que não conhecem essa parte da história brasileira, Jane Vanini pode ser apenas uma “jovem tresloucada que mesmo de boa formação familiar, moral e intelectual ofereceu inutilmente sua vida em holocausto”.

Aqui o autor reproduz uma concepção que durante muito tempo caracterizou os militantes de esquerda no Brasil e na América Latina, sendo importante referir que essa percepção daria lugar mais tarde - ainda durante os governos militares - a uma leitura também bastante difundida, que esses jovens eram marginais, bandidos, subversivos. A utilização da palavra holocausto também demonstra o esforço de Rup em evidenciar os sofrimentos impostos pelos estados do Brasil e do Chile a Jane Vanini.

O autor segue afirmando que essa leitura ingênua é um engano, posto que Jane Vanini nunca desistiu de seus ideais. Atuou em uma “militância sem fronteiras”, se configurando como “gente incomum, de outra cepa e da mais alta têmpera” que levou seus

---

<sup>14</sup> Ver página 21 desse trabalho.

ideais até as últimas consequências. Aqui é visível a perspectiva idealista atribuída a Jane e também a ele próprio.

Batista Rup faz questão de ressaltar que Jane Vanini não foi apenas vítima de Pinochet, mas também de uma “conjuntura capitalista” que se acentuou com a guerra fria e que se espalhou por toda a América Latina, parecendo incorporar uma leitura de mundo orientada pelos pressupostos mais identificados na época com a esquerda. Portanto, por todas as razões apresentadas por ele, Jane Vanini tinha que “obrigatoriamente fazer parte da galeria das grandes mulheres cacerenses, que nos mais variados segmentos de suas atividades cotidianas deram o melhor de si em prol de seus ideais de vida. “[...] Jane Vanini não é somente nossa Maria Quitéria, nossa Joana Angélica ou nossa Anita Garibaldi. Ela é, acima de tudo, nossa Che Guevara de saias”. Aqui fica evidente, com a comparação entre Jane e as “heroínas/mártires”, o propósito de enaltecer a trajetória da militante cacerense e consequentemente da cidade capaz de gerar tão nobre “filha”. O autor aponta ainda que “hoje não cabe a ninguém fazer qualquer julgamento à mesma”.

Batista Rup termina seu texto enfatizando que, “enquanto Jane dedicava e doava sua vida à consecução de seu ideal, Lula engatinhava seus primeiros passos na realização de seu ideal trabalhista-sindicalista”. Ao apontar e destacar a precocidade da atuação de Jane, comparativamente a de Lula, o que pode indicar que o mesmo acredite que Jane poderia ter a visibilidade que Lula tem, ou ainda que Jane foi mais intensa em sua luta quando comparada com Lula.

O texto é encerrado com a afirmação: “Jane Vanini não morreu, apenas doou sua vida a causa que destemida e corajosamente abraçou, por isso deve continuar viva na memória de quantos a conhecerem e na história escrita para a posteridade de Cáceres”.

É importante perceber que o autor tem a intenção, a todo o momento, de enaltecer e engrandecer a militante Jane Vanini. Dito isto, passaremos a pensar sobre a constituição, a construção, e a representação de um herói.

A notícia do Jornal Correio Cacerense está direcionado de maneira mais objetiva para a população local, visto que sua circulação é restrita à região, ainda que seja *on-line*, caracterizando um esforço para que essa população formasse uma imagem positiva sobre Jane Vanini.

Não podemos esquecer que uma produção escrita intencional pode levar à constituição de um herói, de uma personagem ou ainda de um vilão. Dessa forma o contexto

em que se escreve algo deve ser levado em consideração. Jane Vanini era vista e representada, juntamente com os comunistas pelo governo militar, como subversivos, sinônimo de traidores, bandidos, sequestradores, etc. Já na contemporaneidade Jane é vista e representada como vítima do período. No artigo analisado ela aparece como uma heroína, uma “Che Guevara de saias”, e, para ser ainda mais específico, o autor diz que Jane, para a cidade de Cáceres, deve ser uma exceção positiva e honrosa e, por esse motivo, deve ser lembrada e estar presente na memória da cidade.

É interessante pensar como os contextos históricos, políticos, sociais, interferem nos discursos, até mesmo os oficiais que mudam no decorrer do tempo. Condutas outrora passíveis de constrangimento, hoje podem ser utilizadas como *slogan* de campanha num processo tecnicamente denominado de ressemantização dos discursos.

No período da ditadura militar, o objetivo do Estado em criar uma representação negativa para seus “opositores políticos” estava relacionado com o desejo de manutenção do modelo econômico e do governo autoritário. Hoje percebemos uma inversão em relação à apropriação dos discursos referentes aos comunistas como destemidos, corajosos, sendo importante referir ainda que no texto analisado o autor nem mesmo se refere à Jane como comunista, talvez tentando afastar-se de uma concepção do senso comum que atribui para o adjetivo uma conotação negativa.

Para pensar essas mudanças tomaremos como exemplo o próprio autor da reportagem, um ex-militar graduado do III Exército que escreve uma reportagem de jornal enaltecendo uma militante comunista. Se pensarmos o período em que Jane esteve exilada no Chile, a publicação desse artigo era praticamente impossível, pelo silêncio que pairava em Cáceres sobre essa personagem, bem como pelo tom elogioso que o autor usa. A importância do contexto histórico decorre do fato que, passados esses anos, a reportagem ganha outra simbologia e outro significado.

Quando nos debruçamos no autor do artigo podemos perceber que, ao contrário do que muitos acreditam, o exército não era tão “homogêneo” na época. Chama a atenção ainda o fato do autor destacar ter participado da Campanha da Legalidade de 1961, o que nos informa que o mesmo tinha estreitos vínculos com as propostas de Leonel Brizola, que no evento citado contou com o apoio de militares de baixa patente, prioritariamente fixados no Rio Grande do Sul, mais importante circunscrição do Exército Brasileiro na década de 1960, chegando a ter aproximadamente dois terços do contingente militar brasileiro. Não quero com

isso dizer que se trata de um migrante gaúcho, pois seu sobrenome indica tratar-se de um Chiquitano.

Batista Rup tem o objetivo de instituir uma memória militante para Jane, buscando a cristalização de uma representação de uma heroína para a mesma, possivelmente pensando também em atribuir outro significado aos militares fazendo alusão a sua própria trajetória. A memória de Jane foi apropriada pelo autor com o intuito de instituir uma identidade para a população cacerense, ocorrendo uma apropriação e uma representação da imagem de Jane Vanini diferenciada da produzida durante o governo militar.

Nesse sentido, a imprensa ontem e hoje sempre teve um caráter de constituição e/ou difusão de valores políticos, morais, sociais e, no caso da reportagem citada, Jane Vanini é apresentada pelo autor como heroína, militante. Identificamos a intenção, o objetivo de exaltar e valorizar a população cacerense, pois é um grande orgulho ter uma heroína que saiu de uma pequena cidade do interior do Estado de Mato Grosso e ganhou uma “projeção internacional”, sendo citada em todo o mundo como desaparecida política em razão da repressão do regime chileno.

No site do Centro de Estudos Miguel Enriquez, importante organização da sociedade civil chilena que dedica-se a auxiliar perseguidos políticos e familiares de desaparecidos em razão do regime de Augusto Pinochet, encontramos inúmeras referências a Jane Vanini, sendo importante destacar aquelas resultantes dos 30 anos de sua morte em combate. Um poema de autoria do poeta cubano Héctor Sandoval Torres, que abaixo transcrevemos na íntegra, tem o propósito de evidenciar a memória laudatória e heroica sobre essa personagem.

#### Canto a Gabriela

Jane Vanini de tu Cáceres querida  
Jane de tu verde Pantanal  
Jane de tu Mato Grosso mineral.  
Gabriela de la Villa Primavera  
De Lorenzo Arenas de Concepción  
Compañera amada  
Brasileña y Chilena  
Hermana Latinoamericana  
Éste canto va por ti.  
O Flor tropical  
Que Heitor Villalobos cantó sin conocerte:  
Hola Rosa Amarella o Rosa  
tao bonita e tao bella o Rosa.  
Tempranamente emprendisteis el vuelo  
Ave amazónica verde olivo  
Nacisteis en el seno de tu pueblo

y te cobijó el regazo, de América Latina.  
Alondra al viento  
te posasteis en las luchas populares  
con el trinar de los cantos ancestrales  
acunasteis nuestros sueños libertarios  
en las urbes proletarias  
fuisteis mujer combatiente  
flor revolucionaria.  
Cruzasteis los Andes encumbrados  
anidasteis en nuestro Chile araucano  
compartisteis la suerte de los perseguidos  
combatisteis en los pobres del campo y la ciudad  
Jane comprometida,  
Jane sin fronteras  
jane en la memoria  
Gabriela rojinegra  
Gabriela de nuestra historia.  
Como ave libertaria  
Llegasteis al lado de los obreros  
sudados y cansados,  
te arrimasteis al poblador,  
al campesino explotado,  
Cuéntanos paloma Torcaza  
Como se vuela hacia la gloria  
Cuéntanos roja Lloyca  
Como es la cara de los canallas.  
Jane flor urbana  
Gabriela Rosa Latinoamericana.  
Las balas que rompieron tus alas  
No eran balas chilenas  
No eran balas proletarias  
Eran balas Made in USA  
Balas Norteamericanas  
eran balas mercenarias.  
No es verdad y que lo sepan los que luchan  
que morías por el amor de un compañero,  
eso es desconocer tu condición revolucionaria.  
No volastes a Cuba ni volastes a Chile  
para buscarte desesperada un mino.  
Discípula conciente de Marighela  
de la Acción Liberadora Nacional Militante  
y del Movimiento de Liberación Popular insurgente,  
no fuisteis una simple amante,  
no es verdad que vinisteis del Brasil  
a inmolarte como ninfa enamorada.  
Eso es negar tu convicción ideológica,  
es hacer de tu muerte una novela rosa.  
Sabemos que morías por amor, es verdad,  
por amor a un sueño proletario y latinoamericano.  
Cuando el compañero de tareas te gritaba:  
Ríndete Gabriela, ríndete Gabriela,  
tus vecinos son testigos y recuerdan

hora tras hora respondías con metralla.  
Lo demás es puro cuento,  
Cuento de parafernalia.  
No olvidaremos jamás  
Tu entereza y convicción  
No olvidaremos jamás  
tu ejemplo y dignidad  
Jane mujer activa  
Gabriela mujer combatiente  
en la lucha de los explotados eres  
nuestra Jane armada y consecuente,  
nuestra Gabriela serás por siempre.  
Jane de Cáceres y Gabriela de Lorenzo Arenas  
Te honramos como mujer,  
Internacionalista y proletaria  
Como honramos a Tamara Bunke,  
Como honramos a nuestras Marías Galindo  
A nuestras Arcadias Flores  
A nuestras Lumis Videla  
A nuestras Iris Vega  
A nuestras Anas Luisas Peñailillo  
A nuestras Rosas amarelas.  
Tu vuelo verde olivo  
Seguirá presente en nuestros cielos  
Toda la gloria del mundo para ti  
Hermana y camarada que más te puedo cantar  
Como no sea un canto Latinoamericano:  
La entrañable transparencia  
De tu querida presencia.  
Compañera Jane de Cáceres  
Gabriela de la Villa Primavera  
Tus hermanas y hermanos de Chile hoy te honramos:  
Hasta la victoria siempre compañera.<sup>15</sup> (Grifo nosso)

A leitura da referida poesia, bastante conhecida entre os chilenos, é uma importante ferramenta para a identificação da imagem de heroína, evidenciando no próprio título a personagem Gabriela, ainda que a leitura da poesia alterne referências a Jane e a Gabriela.

Nas primeiras estrofes é possível identificarmos temáticas relativas ao local de origem de Jane, ali denominada de Gabriela codinome pelo qual ficou mais conhecida no Chile. As referências ao Mato Grosso e ao Brasil são alegorias evidentes na utilização de algumas expressões, merecendo destaque: Pantanal, mineral, flor tropical, Villalobos, ave amazônica, verde oliva e vento. Além das referências musicais e relativas à natureza presentes

---

<sup>15</sup>[http://www.archivochile.com/Memorial/caidos\\_mir/V/vanini\\_capozi\\_jane.pdf](http://www.archivochile.com/Memorial/caidos_mir/V/vanini_capozi_jane.pdf) Acesso em 7 de setembro de 2011. Retirado do Arquivo Original.

na poesia e que cumprem um papel de identificar nisso a brasilidade, deve-se mencionar a luta armada no Brasil no trecho que diz:

[...] Discípula conciente de Marighela  
de la Acción Liberadora Nacional Militante  
y del Movimiento de Liberación Popular insurgente [...]

A latino americanidade dessa personagem também é visível na utilização de expressões: “Cruzasteis los Andes encumbrados, anidasteis en nuestro Chile araucano”; “Gabriela Rosa Latino americana”.

Também é possível identificamos a presença feminina na militância latina americana através da estrofe que transcrevemos:

“Te honramos como mujer,  
Internacionalista y proletaria  
Como honramos a Tamara Bunke,  
Como honramos a nuestras Marías Galindo  
A nuestras Arcadias Flores  
A nuestras Lumis Videla  
A nuestras Iris Vega  
A nuestras Anas Luisas Peñailillo  
A nuestras Rosas amarelas”.

No sentido inverso, chamou-nos atenção, a estrofe que possivelmente, num esforço para “desconstruir” uma imagem que subsumia a morte de Jane a uma morte por amor a seu companheiro e não pela militância no MIR, que é referido quando da utilização da expressão “Gabriela rojinegra” (cor da bandeira do MIR).

“No es verdad y que lo sepan los que luchan  
que morías por el amor de un compañero,  
eso es desconocer tu condición revolucionaria.  
[...] No volastes a Cuba ni volastes a Chile  
para buscarte desesperada un mino.’  
[...] no fuisteis una simple amante,  
no es verdad que vinisteis del Brasil  
a inmolarte como ninfa enamorada.  
Eso es negar tu convicción ideológica,  
es hacer de tu muerte una novela rosa.  
Sabemos que morías por amor, es verdad,  
por amor a un sueño proletario y latinoamericano.”

(Grifo nosso)

Aqui vemos claramente a permanente tensão entre a dimensão privada e pessoal de sua vida contrapondo-se à dimensão pública. Percebe-se a dicotomia entre a mulher e a militante, parecendo prevalecer a dimensão pública engajada, especialmente em razão da estrofe: “Sabemos que morías por amor, es verdad, por amor a un sueño proletario y latinoamericano. [...] Lo demás es puro cuento, Cuento de parafernalia.”

A presença estadunidense na condução da política do terror no Chile fica evidente quando da passagem:

Jane flor urbana  
 Gabriela Rosa Latinoamericana.  
 Las balas que rompieron tus alas  
No eran balas chilenas  
No eran balas proletarias  
Eran balas Made in USA  
 Balas Norteamericanas  
 eran balas mercenárias (Grifo nosso)

O poema é encerrado fazendo referência a Jane como uma irmã chilena e vinculando sua imagem à célebre frase de Ernesto Che Guevara: *Hasta la victoria siempre compañera*.

A manifestação oficial do MIR, quando da comemoração dos seus quarenta anos de fundação no ano de 2005, também corrobora esse esforço na construção da heroína, conforme se verifica quando da leitura do trecho que abaixo segue transcrito:

[...] Saludamos la memoria de los caídos en los combates antidictatoriales, la los caídos en la aplicación de la política revolucionaria.  
 Saludamos a los obreros, a los estudiantes, a los campesinos, a las mujeres que entregaron su vida en ésta lucha.  
 A los combatientes internacionalistas que hicieron suya nuestra lucha, como, Svante Grände, joven sueco militante del MIR que luego de resistir el golpe en los montes al sur de Chile, viaja a fortalecer la lucha guerrillera del ERP en Tucumán - Argentina donde con sus grados de Teniente guerrillero cae en una emboscada enemiga.  
 El compañero Hugo Ratier, "José" joven argentino militante del ERP que se integra al MIR cuando la represión de su país lo obliga a replegarse a Chile, llegando a ser encargado militar de la Fuerza Central. “José” fue asesinado en calle Janequeo en Septiembre de 1983.  
La compañera Jani Vanini, de nacionalidad brasileña que cumple diferentes tareas en el MIR y que cae asesinada en la ciudad de Concepción.  
 Hoy rendimos homenaje a todos nuestros compañeros que generosamente entregaron sus vidas en ésta lucha por un mundo mejor o hacemos dando lectura a un poema escrito por el Ricardo Ruz Zañart miembro de la Comisión Política del MIR y que cayó en combate el 27 de Noviembre de 1979 y dice así:  
 Nadie olvidará,

Nadie El salvaje alarido que hirió los tímpanos nocturnos  
Ni el centellear de puñales que encendió los bosques...  
Será respetada la palabra compañero...  
No habrá títulos, ni ceremonias ni santos,  
Sólo un pueblo combatiente...y...nuestros<sup>16</sup> (Grifo nosso)

Essas homenagens evidenciam a mulher pública, a guerrilheira, a Gabriela combatente e destemida. A personagem mais completa de Jane Vanini parece se encontrar em Cáceres, pois une sua história pessoal nas homenagens da família com a história das suas lutas na UNEMAT. No Chile a imagem de guerrilheira se sobressaiu sobre a de Jane, sendo no Chile constantemente homenageada:

[...]Hoy al mediodía, cinco de Diciembre, se rindio homenaje nombrando como Plaza Jane Vanini la Plaza situada frente a su casa donde cayera resitiendo durante varias horas, estando cercada por los comandos de la Marina de Chile.

En archivo adjunto va el discurso con que el compañero Rodrigo honrara la memoria de tan heroica compañera. La ceremonia se celebrò con un acto politico cultural con motivo de cumplirse mañana 6 de Diciembre 30 años de muerte en lo que son nuestras tareas de rescatar para memoria historica y social nuestras compañeras y compañeros caidos que durante tantos años han permanecido en el anonimato social [...]<sup>17</sup>

No Chile a imagem de Gabriela, “a companheira Gabriela”, recebeu várias homenagens dos dirigentes do MIR sempre referida como uma *Homenaje a la compañera* Jane Vanini/Gabriela, num esforço recorrente de não permitir seu esquecimento.

[...]En Ipiranga, en el Estado de Sao Paulo, Brasil, existe una plaza con el nombre de Salvador Allende. En esa plaza se ha plantado un árbol en nombre de Jane Vanini. En la Universidad de Mato Grosso, en Cáceres, Brasil, existe un Campus que lleva el nombre de Jane Vanini. En Estados Unidos existe un colectivo de mujeres que lleva el nombre de Jane Vanini.  
Esto no es fruto de la casualidad. Se debe al hecho de que Gabriela, como se le conoció en el MIR, fue una revolucionaria internacionalista que vivió y murió luchando consecuentemente por los valores e ideales de la justicia social y la libertad de

<sup>16</sup> <http://nortinorebelde.blogciindario.com/2005/08/00388-mir-40-anos-suecia.html>. Acesso em: 7 de Setembro de 2011.

<sup>17</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile.

los pueblos[...].<sup>18</sup>

(Grifo nosso)

No Chile Jane Vanini assumiu o codinome Gabriela e reafirmou uma identidade guerrilheira. Sua relação com Che Guevara nas homenagens se fazia constante: “Como Che Guevara que ofrendó su vida por la causa internacional, Jane Vanini luch por la unión de los pueblos del continente americano.”<sup>19</sup>

Jane Vanini se transformará numa bandeira da luta armada e resistência, foi transformada em heroína e mártir da luta contra a ditadura no Chile e, em razão de sua nacionalidade passa a ser tratada como heroína latino-americana.

### A memória da luta: Uma história com bandeira

Apresentamos agora as imagens e texto disponibilizados pelo MIR numa referência à atuação de Jane/Gabriela, onde se mesclam a bandeira do MIR com a bandeira do Brasil.



Imagem I – Mescla da bandeira do MIR com a bandeira do Brasil, na concepção de Duas nações juntas lutando contra um governo autoritário.

[...]Su muerte en tierras extrañas demuestra la dimensión y el coraje de la joven brasileña y por encima de todo, de sus ideas.  
Jane Vanini, hasta la victoria, siempre,  
con tu ejemplo forjaremos futuro.  
Serás guardado aquí  
serás repartido aquí  
se arreglarán tus cuentas aquí  
se sacará tu lección

<sup>18</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile.

<sup>19</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile.

se ocupará tu lugar  
y el jirón de tu camisa convertido en bandera  
y la certeza de tu gesto en metralla  
y por donde el que iba contigo entró  
seguiremos entrando[...].<sup>20</sup>

Jane Vanini no Chile se tornou um exemplo de mulher, um exemplo de perseverança, um exemplo a ser seguido segundo os ex-militantes do MIR como evidencia-se com as inúmeras homenagens recebidas pela mesma.

[...]El 5 de Diciembre del 2004 a las 12,00 horas recordamos a nuestra compañera brasileña e internacionalista Jane Vanini en el lugar donde cayó abatida resistiendo a la Dictadura. Plazuela de la Villa Primavera, sector de Laguna Redonda de Lorenzo Arenas, Concepción. 12:00 hrs[...].<sup>21</sup>

As homenagens não configuraram-se apenas em poesias, textos oficiais contando sua história e trajetória, materializaram-se também em manifestações públicas de grande visibilidade.

#### **Acto Concepción en memoria de Jane Vanini**

[...]Compañeros:

El domingo rendimos homenaje a nuestra compañera Gabriela, Jane Vanini, internacionalista brasilera, del partido de Marighela, en el lugar en que ofrendó su vida por la revolución latinoamericana.

Habló a nombre del colectivo de ex Prisioneros Políticos del MIR nuestro compañero Rodrigo Muñoz, cuyo texto ha sido remitido separadamente.

Participó en este homenaje la última compañera que la vio con vida, quién viajó desde su ciudad a rendirle un emocionado homenaje, resaltando su capacidad y decisión de lucha y su coraje sin límite.

En aquellos días Gabriela había viajado desde Concepción a Santiago a completar su traslado y debía regresar aquel fin de semana. Sin embargo la represión que se había iniciado en los días que siguieron a la muerte de Miguel en Santiago y que se extendió de inmediato a Concepción la obligó a regresar anticipadamente en la mañana de aquel día en que fuera cercada por agentes de la dictadura. No dudó en acudir a su puesto de combate en medio de la represión desatada [...].<sup>22</sup>

Tais manifestações inegavelmente evidenciam um esforço chileno no sentido de dar visibilidade à atuação e à trajetória de Jane Vanini/Gabriela, numa intensidade muito mais significativa do que aquela que percebemos em território brasileiro, o que possivelmente

---

<sup>20</sup> CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez – Archivo Chile.

<sup>21</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile constante nos arquivos do CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez – Archivo Chile.

<sup>22</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile constante nos arquivos do CEME – Centro de Estudios Miguel Enríquez – Archivo Chile.

decorre da importância que a sociedade chilena atribui a sua memória recente, no que tange ao período Pinochet.

Cabe destacar que o local de sua morte é apresentado como um “santuário” o local que Gabriela deu a sua vida em favor da constituição de um mundo melhor, mais justo e fraterno.



Imagem II - O “Santuário”, retirada do arquivo do CEME.

A iconografia acima apresenta a imagem de Jane Vanini no prédio onde a mesma morreu, sendo importante identificar o local como sendo a última manifestação de sua resistência.

[...]Hoy al médio dia 5 de Diciembre se rindio homenaje nombrando como Plaza Jane Vanini la Plaza situada frente a su casa donde cayera resitiendo durante cercada por los comandos de la Marina de Chile[...].<sup>23</sup>

É evidente que a intenção da Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR através dessas homenagens é ressaltar e instituir uma imagem de heroína e de revolucionária a Jane Vanini/Gabriela, uma imagem que a mesma também tentou instituir através de sua escrita e que é apresentada em suas cartas, indicando haver uma convergência entre os propósitos da imagem auto-referenciada por Jane em sua correspondência e a imagem partilhada por seus companheiros chilenos.

---

<sup>23</sup> Comisión de Trabajo de Ex Presos Políticos del MIR de Concepción-Chile.

Gabriela se tornou um símbolo utilizado a favor da luta pelos direitos humanos e da luta contra a repressão, um exemplo a ser seguido no Chile, como evidencia a imagem que segue onde se mesclam bandeiras do MIR, a bandeira brasileira e a indicação do local de sua morte, tendo em destaque a imagem de seu rosto.



Imagem III – Bandeira em homenagem a Jane Vanine feita pelo povo Chileno.

No caso chileno podemos afirmar que a referência à guerrilheira Jane/Gabriela é mais evidente. O fato da sociedade chilena ser muito mais incisiva no que tange a um esforço para elucidar e/ou trazer a público o período ditatorial, como uma forma dessa sociedade acertar as contas com seu passado tornou mais visível a figura desta heroína. Também está aí a importância dos órgãos governamentais assumirem a incumbência de proceder as investigações apropriadas.

Concluimos que Jane foi mais homenageada no Chile que é no Brasil, isso tem a ver também com o fato dela ter sido militante nos últimos anos por lá e também lá foi morta. Deixando seu marido, que estava preso nesse período, e coube a ele dar a notícia aos familiares de Jane no Brasil.

Assim, ligada a organizações de esquerda como o Movimento de Libertação Popular o Molipo no Brasil, criado em 1971. Jane Vanini sempre manteve firme suas convicções políticas e por sua militância ganhando um status de heroína, foi condenada pelo regime à 5 anos de prisão e em seguida foi exilada no Chile. Naquele país, aliou-se ao Movimento de Izquierda Revolucionário (MIR) e foi morta por forças comandadas pelo presidente Augusto Pinochet em Concepción, no ano de 1975. Seu corpo nunca foi encontrado. O companheiro de Jane, Pepe Carrasco<sup>24</sup>, foi assassinado em 1986, também a mando do general chileno.

Finalizamos esse trabalho enfatizando que o uso das fontes históricas obriga o analista a atentar para as formas de utilização da linguagem uma vez que o lugar do discurso é regido por regras que nem sempre estão sob o nosso controle sendo importante referir que essas regras definem o que pode e deve ser dito. É desse lugar, como aponta Certeau (2000)<sup>25</sup> que o discurso vai produzir determinados efeitos. Se o tirarmos do contexto ele mudará seu sentido.

---

<sup>24</sup> Ver em: <http://www.gazetadigital.com.br/conteudo/show/secao/9/materia/32499>. Acesso em: 24/09/2014.

<sup>25</sup> CERTEAU, Michel. Operação Historiográfica. In: A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

Capa »» Lendo notícia

16/05/2005 - 22:08



## Poucas e Boas: Tributo à Jane Vanini

Batista Rup

Não é possível escrever sobre esta verdadeira heroína cacerense sem ter que sentir o desprazer de relembrar a funesta ditadura que sob os auspícios da doutrina anticomunista da CIA patrocinou a "época do terror brasileiro", sufocando liberdades, torturando, matando, trucidando, fazendo desaparecer, banindo e exilando milhares de pessoas de bem e idealistas comprometidos com a democracia. Os grandes prejudicados foram os políticos, a classe mais intelectualizada, outros milhares de brasileiros de escol e os jovens estudantes adeptos e preconizadores de teorias e práticas socialistas, marxista-leninistas. Mas e o povo? Ora, o povo, este nunca participou de coisa alguma e até, ingenuamente, elogiava os Ditadores. Infelizmente em sua maioria esta numerosa plêiade de destemidos e bravos brasileiros foi induzida pela vitória recente da Revolução cubana com a ascensão de Fidel e Chê. Para quem não viveu ou para quem não conhece esta parte negra de nossa história recente, Jane Vanini pode ser apenas uma bela jovem cacerense tresloucada que mesmo de boa formação familiar, moral e intelectual ofereceu inutilmente sua vida em holocausto ao socialismo. Ledo engano.

Condenada e presa sentiu na própria pele os horrores dos porões de Médici. Evadida para o Chile jamais desistiu de seus ideais, continuando lá fiel a seus princípios na militância sem fronteiras. Por isso o gesto de Jane Vanini se confunde e se funde com muitos outros gestos libertários de gente incomum, de outra cepa e da mais alta têmpera que levaram seus ideais até as últimas consequências. Jane Vanini não foi somente vítima de Pinochet, mas de toda uma conjuntura capitalista que teve sua plataforma geradora de conflitos na "guerra fria", se esparramando por todo o aparato militar do continente americano comandado pela truculência e pela brutalidade. Por isso ela tem que, obrigatoriamente, fazer parte da galeria das grandes mulheres cacerenses, que nos mais variados segmentos de suas atividades cotidianas deram o melhor de si em prol de seus ideais de vida. Jane Vanini não é somente nossa Maria Quitéria, nossa Joana Angélica ou nossa Anita Garibaldi. Ela é, acima de tudo, nossa Chê Guevara de saias.

Se ela trilhou os caminhos comuns de nossa história ou trilhou descaminhos somente o tempo dirá. Hoje ninguém em sã consciência terá o direito de tal julgamento.

Morta no Chile em 1974 em confronto com as tropas repressoras de Pinochet, finalmente seus restos mortais foram localizados e esperamos que brevemente sejam trasladados para um sepultamento digno em sua terra natal.

Enquanto Jane dedicava e doava sua vida a consecução de seu ideal, Lula engatinhava seus primeiros passos na realização de seu ideal trabalhista-sindicalista. Esperamos não só que ele se interesse por maior rapidez nos trâmites legais como favoreça transporte digno e eficiente, como é o desejo de seus familiares.

Jane Vanini não morreu, apenas doou sua vida à causa que destemida e corajosamente abraçou, por isso deve continuar viva na memória de quantos a conheceram e na história escrita para a posteridade de Cáceres.

Abaixo qualquer tipo de regime de exceção, ontem, hoje, amanhã e sempre!

\* Batista Rup é ex-integrante da única revolução legalista da história republicana na "Campanha da Legalidade" em 1961 como militar graduado do III Exército.

*Journal Correio Cacerense ONLINE*